

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE| UFF**

**Minicurso Trajetórias Docentes**

**Semestre: 2023.1**

**Professora: Aliny Pranto.**

**Aluna: Clara Thaís Pereira de Andrade.**

“Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente”.<sup>1</sup>

Escrever um memorial nunca é uma tarefa fácil porque exige um intenso exercício de reflexão da nossa trajetória de vida. Somos convidados a visitar as nossas memórias e experiências de vida. Somos chamados para conversar e lidar com a nossa própria história. Perguntas como "quem eu sou?", "para onde quero ir?", "o que as experiências boas e/ou ruins me ensinaram?", "por que decidi ser professora?", entre muitas outras ecoam neste presente texto.

Talvez a melhor forma de iniciar essa narrativa autobiográfica seja contando um pouco sobre mim. Meu nome é Clara Thaís, tenho 23 anos, sou estudante do curso de história na UFF, nasci em Cabo Frio, mas morei boa parte da minha vida em uma outra cidade do interior do RJ chamada Angra dos Reis. Sou uma pessoa tímida e muito curiosa que desde nova se encantou perdidamente com o mundo da literatura. Talvez o amor pela história tenha começado por aí, através da sua dimensão narrativa. As aulas de história eram as minhas favoritas na época da escola justamente porque os professores tinham essa habilidade encantadora com as palavras. Eles conseguiam transformar um assunto tão abstrato e distante dos livros didáticos em algo palpável e vivo. O período medieval se tornava interessante, as sociedades antigas também, estudar a história do Brasil então era fascinante. As coisas começavam a fazer sentido, sabe? E os debates iam se complexificando cada vez mais...

Considero super válido dizer que sempre tem aquele professor ou aquela professora que inspira a gente na maioria das vezes a buscar e a escolher o caminho da docência. No meu caso não foi diferente. Tive um professor de história muito importante ao longo do meu ensino médio que com certeza me inspirou a buscar o caminho da sala de aula e também a

---

<sup>1</sup> EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

pensar com mais carinho sobre ela. É engraçado porque eu sempre gostei de história, mas só fui cogitar fazer história na época do vestibular no último ano do ensino médio. Olhando agora de modo retrospectivo, acredito que eu já tinha o desejo de ser professora de história. Porém, com tantas críticas de tantas pessoas de que eu poderia fazer outras coisas que fossem melhor remuneradas ou valorizadas, acabei afastando a possibilidade de ser professora de história da cabeça. Mas chegou aquele momento digamos divisor de águas na minha trajetória: eu gostava de história e de ensinar história. A associação feita entre essas duas coisas demorou para acontecer, mas quando aconteceu fez muito sentido. Eu tinha essa curiosidade para saber como a nossa história era escrita. Eu queria entender aqueles eventos do livro da escola e os do presente também. Queria compreender as histórias que estavam nos museus, na minha cidade, na novela da televisão. Enfim, eu queria entender como tudo aquilo funcionava.

Passada a época estressante do vestibular. Entrei para a UFF em 2019 e o meu mundo até então tranquilo mudou muito, virou um turbilhão de sentimentos e acontecimentos. Mudei de Angra para Niterói, uma mudança que me impactou muito e foi bem significativa. Passei a conhecer muitas pessoas novas, algumas com vivências distintas da minha e outras parecidas. Sempre me lembro de quando pisei na UFF pela primeira vez. Foi no dia da matrícula e foi um momento de extrema felicidade e encanto por estar ali realizando um sonho. Ocupando e dividindo o espaço da universidade com os nomes dos professores e professoras que eram referência e que víamos nos livros. Tive momentos muito felizes, divertidos e alegres dentro e fora da universidade ao longo desse tempo. As amizades que vamos cultivando ao longo do percurso viram a nossa rede de apoio e afeto, que nos ajudam a nos sustentar e a seguir em frente em meio aos desafios e dificuldades dos períodos conturbados e dolorosos. Passamos por uma pandemia ao longo desse percurso, uma experiência sofrida e dolorosa para muitos de nós de diversas formas. Às vezes com o retorno do presencial me pego pensando que gostaria que o tempo passasse mais devagar para poder aproveitar esse tempo da graduação com mais calma, não só academicamente mas também nas relações que construímos nos ambientes da universidade e fora dela.

Penso muito sobre o tipo de professora que eu gostaria de ser. Pode parecer estranho mas às vezes me vem na cabeça a voz do meu professor de história do ensino médio e fico tentando lembrar com detalhes como eram as aulas dele. Mas ao mesmo tempo fico pensando nas discussões que fazemos dentro da universidade entre as aulas de história e da educação. É curioso que também me vem à memória as experiências vividas no estágio obrigatório supervisionado das PPE. Somado à tudo isso, me vem à cabeça também as minhas próprias

experiências de vida e as que eu escuto dos relatos dos meus amigos e colegas professores. Essa pergunta de que tipo de professora quero ser geralmente vem acompanhada de uma outra lá no fundo da cabeça que é que tipo de professor/professora eu gostaria de ter tido quando era aluna. Nunca é só uma simples aula de história. É um caminho de construção de conhecimento, diálogo, escuta, debate, afetos são mobilizados. Confesso que tenho medo de não ser uma boa professora para meus alunos por ser uma pessoa tímida e introvertida. Tenho medo de não conseguir construir esse espaço com eles de diálogo e afeto. Penso muito sobre isso.

Ao mesmo tempo fico pensando qual é a perspectiva de educação que quero construir. Afinal, porque eu acordo cedo e monto todo um esquema de locomoção numa segunda feira de manhã para ir para a escola realizar o estágio supervisionado? É só por uma questão curricular, para depois ir pegar o diploma? Com certeza não. É sobre propósito também. Sobre qual perspectiva de futuro a gente quer construir. Sobre qual perspectiva de educação queremos construir. Uma educação excludente e elitista ou uma educação democrática, gratuita, pública e de qualidade? Queremos formar estudantes que possam enxergar as suas realidades e o mundo com as lentes da história. Queremos construir essa consciência histórica, que permita o estudante compreender e entender os processos de ruptura e/ou continuidades nas relações entre passado e presente. Percebendo os pontos de sutura nas costuras das narrativas oficiais e monumentalizadas da nossa história. Aquilo que o historiador Durval Muniz de Albuquerque diz o "fazer defeitos nas memórias". O que esses silêncios na escrita da nossa história tem a revelar? Enfim, termino esse texto dizendo que o caminho não é fácil, temos muita luta pela frente em meio a um contexto de precarização e sucateamento do ensino público como por exemplo com a Reforma do Ensino médio e da constante desvalorização da profissão docente, como se nós fossemos os inimigos da educação. Enfim, são tempos difíceis, mas não podemos desanimar. Vamos juntos, juntas e juntes construir futuros possíveis...